

novembro 1999
ano 4
edição meses letivos

Ciclo de Palestras e Bial Internacional: começam os eventos de arquitetura e urbanismo

oculum@uninet.com.br

Boletim Óculum é informativo da Revista Óculum, publicado pelo CIDD da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com apoio do Grupo PET - CAPES. Internet: www.puccamp.br/~fau/

Editor responsável
Abílio Guerra

Correspondentes

Ana Paula Baltazar *Inglaterra*
Affonso Orciuolo *Espanha*
Cristina Mehrrens *EUA*
Diego Wisnivesky *Argentina*
Eduardo Aquino *Canadá*
Ligia Velloso Nobre *Inglaterra*
Maria B Cavalcanti *Alemanha*
M^{te} Pilar P Pineyro *Uruguai*
Olivia de Oliveira *Suíça*
Paul Meurs *Holanda*
Paulo Diziolli *França*
Pedro Moreira *Alemanha*
Ramón Gutierrez *Argentina*
Regina Isima Vieira *Japão*
Vitorio Corinaldi *Israel*

Monitores CIDD

André Kaplan, Daniel Carneiro, Priscila Vieira Davini

Grupo PET

Alexandre Tonetti, Diego Vega, Eliane Castanharo, Fábio Araújo, Isabel Nicolielo, Ivana Miranda, Júnia Sana, Giovana Del Duca dos Santos, Marcelo Svartman, Sandra Miekio Yano, Tatiana Ono Morgado

FAU PUC-Campinas

Ricardo Marques de Azevedo
Diretor adjunto
Denio Munia Benfatti
Coordenador de curso
Wilson Ribeiro dos Santos Jr

CIDD Centro Integrado de Documentação Digital
Rod D Pedro I - Km 136
Campus I - CEP 13089-500
Campinas SP Brasil
fone 019 756.7156
fax 019 255.6376
cidd@acad.puccamp.br

Revista Óculum
fone-fax 011 2888950
oculum@uninet.com.br

Apoio
Apple, Capes e Daidigital Kodak



DAIDIGITAL



IMPRESSO



Ciclo de Palestras acontece em excelente edifício da arquitetura moderna, projeto do arq Ubaldo Carpigiani

Nos dias 23, 24 e 25 de novembro acontece em Campinas o Ciclo de Palestras "Argentina: arquitetura e urbanismo contemporâneos" com a presença dos arquitetos Alberto Varas, Carlos Lebrero, Claudio Ferrari, Horacio Baliero e Ricardo Medrano. Fernando Diez e Alfonso Corona Martinez, relacionados em divulgação prévia, cancelaram por motivos de força maior suas participações na Bial de Arquitetura e no Ciclo de Palestras.

O evento, organizado conjuntamente pela FAU PUC-Campinas e AREA-Campinas, oferece a oportunidade aos estudantes de arquitetura, arquitetos, urbanistas e demais interessados de Campinas e região o contato com especialistas no desenvolvimento atual da arquitetura e urbanismo argentinos nas mais diversas áreas de atuação: projeto, intervenção urbana, meio ambiente, ensino, crítica, publicações, atividade sindical, etc.

Ciclo de Palestras "Argentina: arquitetura e urbanismo contemporâneos"

Audatório do Colégio Sagrado Coração de Jesus, Campinas, 23-25nov99, das 19h às 22h.

Convidados: Alberto Varas, Carlos Lebrero, Claudio Ferrari, Horacio Baliero e Ricardo Medrano
Organização: AREA-Campinas (Débora Frazatto Verde e João Vicente Jiannini) e FAU PUC-Campinas (Grupo PET CAPES; Óculum; CAV)

Informações e inscrições no CAV FAU PUC-Campinas, com Ângela, fone 0XX19 756.7082 e na AREA-Campinas, fone 0XX19 255.8050

FAU PUC-Campinas: mestrado em urbanismo e participação na Bial Internacional

oculum@uninet.com.br

As inscrições para o Mestrado em Urbanismo da FAU PUC-Campinas (reconhecido pela CAPES) para a turma de 2000, estarão abertas entre os dias 8 de novembro/1999 e 21 de janeiro/2000.

O Mestrado em Urbanismo da FAU PUC-Campinas define a cidade como objeto de investigação privilegiado através de suas linhas de pesquisa voltadas à história das cidades e dos seus processos constitutivos; da construção da cidade como objeto artístico; da gestão do espaço e da sua dimensão política; e, dos projetos urbanos, objeto de transformação do espaço construído. [Raquel Rolnik, coordenadora do mestrado]

Info: fone 0XX19 756.7088, pgfau@acad.puccamp.br

Participação na Bial

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC de Campinas, há algum tempo, dedica-se, por meio do CIDD (Centro Integrado de Documentação Digital), a um projeto especialmente voltado para a criação de um banco de imagens digitais que contém acervos de arquitetos brasileiros de importância. O projeto piloto, financiado pela FAPESP, resultou na digitalização de parte do acervo do escritório Rino Levi Arquitetos Associados. Durante essa fase experimental, foram digitalizadas aproximadamente 3.000 imagens, todas em resoluções diversas, atendendo às demandas de circulação na rede mundial e às de impressão. Esse acervo digital é totalmente institucional e destina-se a atender pesquisadores, arquitetos, professores, alunos, além de interessados em arquitetura e cultura geral. A iniciativa não deve restringir-se ao projeto piloto mas estender-se, quando viabilizados os necessários recursos humanos e financeiros, por meio de parcerias com os setores institucionais e privados. Vale lembrar que os resultados alcançados poderão ser em breve acessados e pesquisados em nosso site na rede mundial Internet. Este trabalho e o site de nossa escola estão expostos em Sala Especial, no 2º andar, na 4ª Bial Internacional de Arquitetura de São Paulo, inaugurada no próximo dia 20 de novembro. [Jane Victal Duduch, curadora da Sala Especial da FAU PUC-Campinas]

Abertura da 4ª BIA foi no sábado

A quarta edição da Bial Internacional de Arquitetura de São Paulo abriu no dia 20 de novembro. A solenidade de abertura contou com importantes personalidades da política e da arquitetura. Entre outros, estiveram presentes Mário Covas (governador do Estado de São Paulo), Carlos Bratke (presidente da Fundação Bial de São Paulo), Jens Olesen (1º vice-presidente da FBSP), Milu Villela (2º vice-presidente da FBSP), Pedro Cury (presidente IAB/SP), Maximiliano Fayet (presidente IAB Nacional), Antonio Carlos Moraes de Castro (Federação Panamericana de Associação de Arquitetos), Miguel Pereira (vice-presidente da União Internacional de Arquitetos), Lucio Gomes Machado e Luiz Fisberg (curadores da 4ª BIA), Paulo Mendes da Rocha, João Filgueiras Lima "Lelé" e Zanine Caldas (representantes das salas especiais nacionais), Jorge Glusberg, Alberto Varas e Convert (representantes salas especiais internacionais)

Palestras inaugurais

No próprio sábado, a partir das 18h, ocorreram as palestras inaugurais proferidas por arquitetos argentinos. O arquiteto Alberto Varas, convidado pela revista Óculum, apresentou suas idéias sobre urbanismo e exemplificou com os projetos de revitalização da área do Retiro e da nova Cidade Universitária, ambos em Buenos Aires e que compõem a Sala Especial Natural / Artificial, que ocupa o 2º piso do Pavilhão.

Favela Bairro: intervenções nas favelas do Rio de Janeiro

Roberto Segre, Rio de Janeiro
bobsegre@uol.com.br



Favela em morro do Rio de Janeiro

Na primeira metade do século as opções existentes para os imigrantes europeus que chegavam nos países da costa atlântica consistia em velhos casarões abandonados pela burguesia local e no centro da cidade, convertidas em cortiços, ou os escassos bairros operários construídos por industriais filantrópicos e governos municipais progressistas nos arredores da cidade. Apesar do tempo passado, ainda mantém valor ambiental; permanece o equilíbrio entre habitações e espaços públicos e a alta qualidade da execução. Sobressaem os conjuntos situados na área industrial da Moóca, São Paulo (1913), o bairro "Los Andes" de Fermín Beretbide em Buenos Aires (1925) e "EL Silencio" em Caracas (1941) de Carlos Raúl Villanueva. Aqui o valor essencial se fixou na capacidade de *construir* cidade ao prolongar o tecido urbano tradicional do centro e conter espaços e funções sociais. A partir da 2ª Guerra Mundial, os modelos do movimento Moderno Europeu foram aplicados mecanicamente na região. No México Juan Legarreta instalou migrantes indígenas em simulacros dos *Siedlungen* alemães; Carlos Raul Villanueva trouxe lâminas Corbusianas para os *cerros* de Caracas para eliminar os *ranchos* da capital; na década de 70, Jorge Goldemberg projetou no subúrbio de Buenos Aires conjuntos habitacionais estilo Team X, hoje depredados e ocupados pelas máfias locais; na Cuba socialista centenas de blocos foram realizados pelos improvisados construtores das *Microbrigadas*; por fim, desde a década de 70, John Turner, William Mangin e Paul Abrams impulsionaram em toda a América Latina a auto-construção na periferia das metrópoles. Soluções que saciaram a *fome* por habitações, mas não construíram cidade. A crítica situação financeira do poder público levou o governo da cidade do Rio de Janeiro, na década de 90 a enfocar de outro ângulo o problema do habitat popular: ao invés de resolver o déficit de habitações, busca-se resolver a deficiência urbana. A proposta consiste em outorgar à favela os atributos que definem a urbanização: infra-estruturas técnicas, traçado viário, serviços sociais e espaços públicos. E ao mesmo tempo obtém-se a identidade do local a partir da interpretação e relacionamento das características da vida social que existe em cada comunidade, traduzidas em um partido urbanístico. Melhoras objetivas do entorno físico que às vezes condicionam transforma-

ções sociais, éticas e estéticas da comunidade: nas favelas redesenhadas estreitaram-se os laços interpessoais, diminuiu a criminalidade e a presença dominante dos traficantes de drogas. Sob a direção dos arquitetos Luiz Paulo Conde (Secretário de Urbanismo e, desde 1997, prefeito da cidade) e Sérgio Ferraz Magalhães (Secretário de Habitação), colocou-se em prática o programa "Favela Bairro", custos divididos entre Prefeitura e BID. Em 7 anos de implementação do plano, 90 favelas das 600 existentes no Rio receberam intervenção, melhorando as condições de habitação de 300 mil pessoas. Inicialmente se chamou a concurso local os projetos de 18 favelas, participando jovens arquitetos e escritórios de prestígio internacional. O município não impôs esquemas projetuais ou parâmetros de desenho, limitando-se a definir as normas técnicas e econômicas da intervenção. Isso permitiu que cada equipe de profissionais tivesse total liberdade de ação ao interpretar as necessidades da comunidade e alcançar as respostas formais e espaciais, sempre discutidas em assembleia pública com os habitantes das favelas.

Surgiu assim um diálogo entre as estruturas da cidade racional e da cidade "espontânea", inexistente ao longo de quase um século só marcado pela exclusão, segregação e violência. A metodologia projetual assumida tem como objetivos essenciais eliminar a estrutura de gueto e facilitar a permeabilidade da favela, qualificar os espaços públicos; inserir os "monumentos" arquitetônicos das novas funções sociais e estreitar os vínculos com os bairros vizinhos. As propostas de desenho não violentam as configurações urbanas consolidadas, adaptando os objetos arquitetônicos aos princípios da heterogeneidade, hibridação e contextualização das formas.

É impossível detalhar todas as múltiplas experiências atingidas que mudaram radicalmente o aspecto físico do assentamento e as condições de vida das populações. Em algumas das favelas mais conhecidas – Vidigal, Fernão Cardim e Fubá Campinho projetadas por Jorge Jauregui; Mangueira por Casé e Acioli; Serrinha por Mauricio Roberto e Manoel Ribeiro; o conjunto de Caju por Paulo Benetti – os desenhistas integraram as tipologia da "cultura" profissional – escolas, centros de saúde, áreas desportivas e núcleos de habitação – com as construções pré-existentes, sem alterar as configurações básicas e as leis próprias de organização funcional e social da comunidade. A intervenção nos espaços habitacionais gerou estruturas formais flexíveis e fragmentadas, alheias a todo discurso positivo e autoritário. É um raio de esperança duradoura que os arquitetos se propuseram materializar, articulando a objetividade da forma desenhada com a subjetividade dos desejos e aspirações da sociedade civil.

Texto integral: www.puccamp.br/~fau/oculum/boletim/b38/b38.htm. Consulte também www.rio.rj.gov.br/favelabairro e www.fau.ufrj.br/prourb/cidades/favela
Tradução de Ivana Miranda, do Grupo PET FAU PUC-Campinas

O fracasso da ordem

Claudio Ferrari
befetra@satlink.com



Museu Judaico em Berlim, Daniel Libeskind. Foto Mario Lupano

A história da arquitetura até princípios do século XX girou – em termos lingüísticos – em torno ao referente da ordem, uma busca de um ideal de harmonia, um ideal de ordem clássica – harmonia musical, aritmética, leis geométricas, cocientes numéricos, proporções, ritmos, repetição. A arquitetura tem vivido convencida de uma busca de verdade e beleza através da razão.

Hoje vivemos em um momento cultural que não permite estabelecer parâmetros fixos já que tudo muda vertiginosamente e a arquitetura vive perigosamente com esta situação. A ordem hoje é só uma ilusão. O pós-modernismo tem se mostrado apenas uma pesada semântica. A busca de uma ordem nos recantos da história para responder a um vazio deixado pelo esgotamento do modernismo.

Na desconstrução assistimos à ruptura definitiva entre arquitetura e linguagem. Uma banalização do suposto caos representado. A verdade não é necessária porque destrói a harmonia.

As tendências atuais

1. A poética da arte

É paradoxal que nestes tempos a arquitetura se recuse à produção em série e cobice um espaço no campo não normatizado da obra de arte contemporânea, quem sabe como uma busca de singularidade em uma época em que estão mortas as grandes interpretações, buscando assim que cada obra seja um feito singular, aproximando-se aos mecanismos de criação artística.

De qualquer modo, a arte deixou de ser revolucionária. Hoje os heróis estão cansados. Tem muito mais experimentação um walkman ou um vídeo do que qualquer uma das vanguardas arquitetônicas atuais. Muitas obras podem ver-se também como performances dentro do campo artístico, com influências da literatura, do cinema e da plástica. Os perigos afloram sempre que uma disciplina toma emprestados critérios de outras e esquece suas próprias características, correndo o risco de converter-se em um novo jogo de frivolidades.

2. Arquitetura de autor ou a linguagem como marca

Existe atualmente uma polêmica onde se propõe uma volta às fontes, utilizando linguagens englobantes que tendem a manejar conceitos ligados ao específico da disciplina dentro de uma postura de não-vanguarda, como uma aproximação aos fatores inquestionáveis da arquitetura *versus* a

Moradias Japonesas. Muito se fala, pouco se conhece

Regina Isima Borges Vieira, Tokyo
ribv@hotmail.com

arquitetura de autor; esta se apresenta com um marcado personalismo, uma arquitetura que propõe sínteses irrepetíveis e singulares, de onde são tomadas linguagens referenciais para a produção arquitetônica (todos nós sucumbimos ao feitiço de sonhar com imagens emprestadas).

3. A representação do caos

Ludwing Boltzmann, um físico austríaco que se suicidou em 1906, descreveu em termos matemáticos ($S=K \ln W$) a tendência irreduzível de todas as coisas ao caos: "desde o átomo à molécula, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande", o caos, ou a entropia, ou seja, a degeneração de todas as coisas é inevitável. Quanto mais se tenta colocar ordem na desordem, o caos aumenta. Sou cético sobre onde as teorias do caos podem levar a arquitetura, de forma direta ou literal. Pode gerar efeitos devastadores. O caos não tem representação, esta é sua lógica. Não necessita de estratégias, se produz espontaneamente, com abundância e colisão. No limite, o caos só se produz por erro. De toda maneira, creio que certa lógica do caos está sempre presente nos processos de gestação das obras de arquitetura contemporânea.

Algumas conclusões

A linguagem da arquitetura perdeu sua antiga coerência, sua estabilidade cristalina. Uma coerência sintática nestes novos modelos culturais é quase impossível. Na civilização contemporânea estamos cada vez mais cheios de discussões semânticas para abordarmos estratégias de eficiência operativa. Em uma época de transição e dúvida, dispersão e desorientação, quem sabe o mais ético seria defender uma arquitetura fragmentária, que responda à desordem e à arbitrariedade, que apresente claramente a confusão na qual vivemos. Uma arquitetura capaz de interpretar os mesmos desafios que nos coloca um mundo em permanente transformação. Uma arquitetura branda, concebida em materiais intercambiáveis. São precisamente as situações de conflito as que hoje em dia representam a situação mais normal, uma situação inspiradora que não limita a expressar-se a si mesma como uma afirmação auto-satisfeita, mas que assume a contemporaneidade filosófica da situação de conflito.

Claudio Ferrari, arquiteto associado a Alberto Varas em diversos projetos e professor da FADU de Buenos Aires, é um dos palestristas convidados para o Ciclo de palestras "Argentina: arquitetura e urbanismo contemporâneos", Campinas, 23 a 25 de novembro



Musical-Theater em Berlim, Renzo Piano. Foto MB Cavalcanti

Oxford あなたの間取りをお好きな国のフア
のフアサードでも坪単価は同一



Folheto publicitário japonês oferecendo casa "ocidental"

As moradias japonesas sempre foram divulgadas no ocidente pelo seu valor estético, zen e poético. Mas esta é só a superfície de uma realidade diferente, a começar pelas bases em que esse país foi construído. É necessário lembrar que o Japão já passou por guerras, convive com tremores de terra e, sendo um arquipélago, carece de espaço físico. Este quadro nada poético determinou o modo do Japão pensar as suas casas.

Só como exemplo, algo que não seria facilmente aceito no ocidente é o fato de que até há bem pouco tempo as moradias japonesas não previam banheiros (chuveiros). A questão era não só econômica, mas também cultural. Os *sentôs*, os famosos banhos públicos, tinham grande popularidade. Homens e mulheres se confraternizavam no banho, em um convívio que não tinha o menor caráter sexual. A agregação dos banheiros às casas - em espaço separado da bacia sanitária - só se deu nas décadas de 60 e 70. Essas moradias sem banheiro são até hoje uma opção barata e usual. Pela falta de espaço, as construções são sempre compactas, planejadas para o número exato de pessoas que nela irão morar. Assim, existem as moradias *singles*, as projetadas para casais ou famílias maiores. Em todas, os cômodos (dormitório e sala) são invariavelmente dimensionados pelo número de *tatames*, com medida padrão de 0,80 x 1,60 m. As *singles*, para quem mora só, medem até 6 *tatames*, com um único cômodo em torno de 6,48 m². Não existe área de serviços. A máquina de lavar roupas fica num canto da cozinha ou dentro do banheiro. Para a secagem de roupas as opções são utilizar varões colocados na janela, varais portáteis e dobráveis dentro de casa ou levar as roupas para secar numa lavanderia. A área de higiene é dividida em dois espaços, um para a bacia sanitária e outro, separado e fechado, que abriga o *ofurô*, a banheira japonesa. Não necessariamente ficam próximos. Nas casas mais antigas, os banheiros não possuem lavatório. Escova-se os dentes e lava-se as mãos no *ofurô* mesmo.

As moradias para casais ou famílias maiores possuem mais cômodos com *tatames*. Geralmente um fica para a sala e os outros para os dormitórios. Esses espaços são separados por portas de correr que podem ser facilmente retiradas, modificando o uso do espaço para gerar um ambiente social, um dormitório ou uma cozinha maiores.

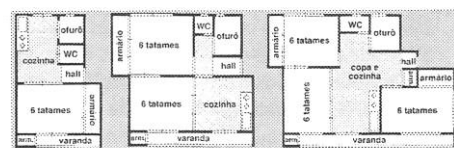
Vale ressaltar que a privacidade não existe. Os materiais construtivos não proporcionam um bom isolamento acústico nem térmico, a maioria das residências dependem de ar condicionado. Dentro de casa só o essencial e básico. Ambientes com poucos móveis pequenos e modulados. Dormitórios geralmente só contam com espaço para os *futons*, espécie de colchonete que deve ser guardado após o seu uso num armário embutido, que já é previsto em projeto.

A sala consiste em uma mesa baixa para as refeições, com almofadas no chão para sentar e um móvel para tv, som e vídeo. Quando muito, cabe um sofá para assistir-se TV. A cozinha tem uma pequena pia, uma geladeira pouco maior que um frigobar, um fogão padrão de 2 bocas e poucos armários para louças. Algumas cozinhas conseguem ter uma pequena mesa para refeições. As áreas de higiene e de serviços seguem os mesmos padrões de uma moradia *single*.

É curioso notar que enquanto o ocidente se influencia com as coisas do oriente, os próprios japoneses já não estão 100% satisfeitos. Os estilos ocidentais têm sido cada vez mais difundidos por aqui, o que se explica, em parte, pela recente vinda de estrangeiros. Os hábitos tem mudado a cada dia. Moradias bem maiores, localizadas onde o espaço físico não é tão problemático, seguem os estilos americanos e europeus, com ambientes maiores, que prevêm vários móveis. Nos quartos, o *futon* é substituído por camas. A sala abriga conjuntos de sofás, mesas, estantes e até pianos. Na cozinha é possível conciliar geladeira, freezer, armários e mesa. Os banheiros ganham lavatório junto ao *ofurô*, mesmo que a bacia sanitária continue em espaço separado. Existe até uma pequena área de serviços que acomoda a máquina de lavar, secadora e armário para produtos de limpeza.

Os materiais de construção empregados em todas essas moradias são pré-moldados, leves, de fácil execução e manutenção. Em qualquer grande Home Center é possível encontrar peças de reparo ou materiais que mudam completamente o visual interno da residência. Todos os tamanhos são padronizados, desde vidros, telas para caixilhos, pisos, tapetes, carpetes, cortinas, papel de parede, etc. Compra-se até por catálogo. Tudo a título do "é fácil, faça você mesmo".

Mas até isso tem seu lado funcional. A cultura do pré-moldado vem da necessidade da rapidez na construção e da produção de escombros mais leves nos casos de terremoto. O assunto não se esgota aqui. Mas já é possível perceber que o estilo japonês é muito mais do que a simples questão estética que se vende no ocidente.



Plantas padrão de casas "orientais": single, casal e familiar

XX Congresso Internacional de Arquitetos – Pequim/1999

Francisco Spadoni, São Paulo
fspadoni@uol.com.br

No mês de junho último realizou-se em Pequim, capital da República Popular da China, o XX Congresso Internacional de Arquitetos. A escolha da cidade como sede pela UIA, deveu-se ao interesse crescente que a Ásia, e a China em especial, têm despertado no ocidente face às transformações brutais que vêm sofrendo na última década. A China é hoje o maior canteiro de obras já visto na história, impulsionando praticamente todas as suas aglomerações urbanas, onde 50 contam com populações superiores a um milhão de habitantes. Pequim, por exemplo, ao lado de seus *hutongs* – bairros populares organizados segundo a clássica tipologia dos pátios quadrados – vê surgir diariamente novos complexos comerciais, ou de habitação, todos com cara ocidental, financiados sobretudo pelo capital internacional. A cena é a de um canteiro de obras contínuo, que se estende por toda a cidade e altera sua fisionomia ao modo de uma tábula rasa.

Outros centros no entanto parecem até mais pujantes que a própria capital, como a sofisticada Shanghai, que no distrito de Pudong, mantém o atual maior canteiro de obras urbano do mundo e Shenzhen, uma das zonas de economias especiais do país, que, de antiga vila de pescadores até duas décadas atrás, transformou-se numa cidade com mais de 4 milhões de habitantes e uma imagem edificada lembrando uma megalópole ocidental. Exemplos que espelham um país que atingiu na era de Mao uma taxa de urbanização de 13% que hoje já passou de 30%, com uma população urbana de mais de 300 milhões de pessoas.

Para um congresso de fim de milênio, cujo tema central era a cidade, nos parece que a escolha do local tenha sido um acerto pelo que esta realidade apresenta de confronto a todo o saber urbano constituído do lado de cá e perto da qual poucas teorias ainda conseguem se sustentar. O congresso contou com importantes conferencistas, muitos deles atuantes no cenário asiático: Paul Andreou da França; o malaio Ken Yeang; Charles Correa da Índia; o brasileiro Ruy Otake e Tadao Ando, que apresentou uma singela conferência em defesa da ética e da responsabilidade civil do arquiteto.

O Brasil esteve representado por entidades profissionais – IAB Nacional e IAB-SP, FNA, CONFEA, FENEA e ABEA – e por duas escolas de arquitetura: FAU Belas Artes e FAU Unimep. A boa notícia veio com a eleição do arquiteto Miguel Pereira para a Vice Presidência da UIA pelas Américas. A participação brasileira, no entanto, esteve longe de ser significativa, com uma delegação reduzida de 30 pessoas e apenas dois trabalhos apresentados. Pouco, se nos compararmos ao México, que participou com uma delegação expressiva e recebeu as principais premiações do congresso, incluindo o prêmio no concurso internacional de estudantes. Que fique o alerta às nossas entidades e escolas, pois é visível o grau de nossa desarticulação profissional. Num mundo que gira a uma velocidade crescente, parece que nosso ritmo ainda não se sintonizou.

A preservação do Parque do Ibirapuera em São Paulo

Docomomo SP
sermar@usp.br



Pavilhão da Bienal, Parque do Ibirapuera, Niemeyer e equipe

O Docomomo/SP dá continuidade ao ciclo de debates sobre bens relevantes da arquitetura, urbanismo e paisagismo modernos no Estado de São Paulo, que estão em obras, ou sob risco ou em processo de destruição e/ou descaracterização. O objetivo destes encontros é chamar a atenção para o estado de conservação de obras arquitetônicas e lugares relevantes para a cultura paulista e brasileira, abrindo um canal para discussões, esclarecimentos ou reivindicações da sociedade.

Projetado por Oscar Niemeyer, o Parque do Ibirapuera – próximo tema em discussão – foi concebido e construído pela Comissão responsável pela organização das comemorações do IV Centenário para transformar a efeméride numa realização duradoura destinada às gerações futuras. Originalmente os quatro Pavilhões, que com a grande Marquise conformam uma unidade arquitetônica e paisagística, seriam voltados para um projeto cultural uno e integrado, o que não foi implementado pelas autoridades responsáveis que se sucederam.

Com o tempo, os espaços passaram a ser subdivididos entre diversas entidades, criando intervenções não previstas e descaracterizantes dos edifícios. A Marquise, antes um espaço de fluidez, passou a ter sua área loteada e progressivamente ocupada, em um processo contínuo que anula o seu caráter inicial e o caráter do próprio Parque.

Nos últimos anos algumas tentativas têm sido feitas para recuperar o Parque como projeto cultural: a desocupação do Pavilhão Manoel da Nobrega, que abrigava o Gabinete do Prefeito, o deslocamento do Museu do Presépio que ocupava área sob a Marquise e a encomenda pela SMVMA do Plano Diretor do Parque do Ibirapuera a Oscar Niemeyer. No entanto essas tentativas têm sido até agora frustradas em sua continuidade.

No encontro serão discutidas a manutenção, adaptação e transformação de um dos conjuntos arquitetônicos-paisagísticos mais significativos da modernidade brasileira.

Ciclo de debates A Preservação da Arquitetura Moderna.

Promoção Docomomo/SP. Participantes: Ricardo Ontake (Secretaria do Verde e do Meio Ambiente), Daniel Roberto Fink (Ministério Público), Ana Lúcia Niemeyer (Fundação Niemeyer), Edmar Cid Ferreira (Associação Brasil 500 Anos), Sergio Souza Lima (Iphan), José Roberto F. Melhem (Condephaat), Célio Pimenta (Conpresp) e Fernanda Fernandes (FAU-USP, coordenadora). Local: FAU-USP, Sala dos Espelhos, r Maranhão 88, Higienópolis (estacionamento e entrada franca). Sexta-feira, 12nov99, 19h. Info: fon 0XX11 227.3638, sermar@usp.br

III Seminário Docomomo/Brasil A Permanência do Moderno

(parte da programação da IV Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo). Palestras: Helio Piñon, Wessel de Jonge, Jean-Paul Midant, Maristella Casciato. Apresentação de 100 trabalhos de pesquisa, documentação e revitalização de arquitetura e urbanismo modernos. 8-11dez99. Informação e inscrição: sermar@usp.br, www.3seminariodocomomo.com.br

Noticiário do Grupo PET

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

Concurso de urbanismo na Argentina

A 3ª Bienal Internacional de Urbanismo de Buenos Aires (12-16abr2000) convoca estudantes e arquitetos. Tema: *Transformação das Cidades*. Até 10dez99. TIUL, info@tiul.org.ar, www.tiul.org.ar

Website sobre meio ambiente

Mantido pela Associação Ambientalista Pangea, trata de assuntos relativos à proteção do meio ambiente e da qualidade de vida das populações urbanas. www.agirazul.com.br

Processamento digital: imagens e fotos aéreas

Curso sobre tecnologias de processamento, análises e integração de imagens de satélite e de fotografias aéreas. 22 a 26nov. FADU, Buenos Aires. Info: Mercedes Frassia, mfrassia@mail.retina.ar

BB*E – Boletim Bibliográfico *Eletrônico

Visite a revista digital de resenhas de Centro de História da Arte e Arqueologia, do IFCH-Unicamp. www.unicamp.br/chaa

Mesa-redonda sobre museu e conservação

Com Agnaldo Farias (MAM-RJ), José Bittencourt (MHN-RJ), Marcelo Araújo (Museu Lasar Segall) e Margaret Lopes (Instituto de Geociências), coordenação de Luiz Marques (IFCH-Unicamp). Sala de projeção do IFCH-Unicamp, 17nov, às 14h.

Concurso de animação para estudantes

O Banco Brussels Lambert celebrará o ano 2000 usando sua fachada da sede em Bruxelas em suporte gigante. Download da interface para animação: <http://marnix2000.bbl.be>

Senac organiza evento sobre designer gráfico

Com presenças de Gurto Lacaz, Vicente Gil e outros. 10-12nov, às 20h. Centro de Comunicação e Artes SENAC, r Scipião 67, 05047-060 SP, fon 011 3872.6722, cca@sp.senac.br, www.sp.senac.br

Mostra e prêmio "Brasil faz design"

Para mobiliário, iluminação, objetos, têxtil, equipamentos, design gráfico. Até 30 nov. Info: fone 011 3873.7764, bfdesign@volatil.com.br

Prêmio Möbius escolherá ganhadores

25-26nov, no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, av Pasteur 250, Urca, das 9 hr às 18 hr

Atividade de extensão da UFRGS

Consultoria às empresas intitulada *Madeira mineralizada na construção*, arq Mauro Defferrari (coordenação). Info: 051 330.1141, 051 330.3120, mdaq@hotnet.net, www.ufrgs.br/madmin

Biblioteca CAD – Ócullum

1. *Kim Swoo Geun*, número especial da PA Pro Architect nº 14, archiw@chollian.net
2. *100 anos de ensino de arquitetura e urbanismo em São Paulo*, Catálogo da exposição, Nestor Goulart Reis (cord), LPG FAU-USP